

DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE

**Melissa Andréa Smaniotto
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2019

Melissa Andréa Smaniotto
(Organizadora)

Direitos Humanos e Diversidade

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D598 Direitos humanos e diversidade [recurso eletrônico] / Organizadora
Melissa Andréa Smaniotto. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora,
2019. – (Direitos Humanos e Diversidade; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-182-4

DOI 10.22533/at.ed.824191303

1. Antropologia. 2. Direitos humanos. 3. Minorias. I. Smaniotto,
Melissa Andréa. II. Série.

CDD 323

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Direitos humanos e diversidade”, em seu volume 1 traz à tona discussões relevantes na sociedade contemporânea a partir de uma perspectiva interdisciplinar e multifacetada, o que propicia um olhar ímpar a partir da visão de mundo de autores, revelando uma preocupação em contribuir para a temática tendo como ponto de partida o viés educacional e cultural.

Neste sentido, se evidencia a imprescindibilidade de provocação dos protagonistas da construção do conhecimento, quais sejam, educadores e alunos, para que - na realidade que estão inseridos - disseminem reflexões e despertem nos mais diversos espaços sociais, atitudes comprometidas com a efetivação dos direitos humanos.

Além das escolas e universidades, a comunidade científica à luz da antropologia aprofunda o debate dos direitos humanos voltando-se para questões referentes à sexualidade, família, gênero, raça, idade, religião e liberdade de expressão e seus desdobramentos voltados na busca incessante de respeito à diferença, aceitação, pertencimento e sobretudo, de inclusão social.

Este volume 1, composto de 25 capítulos, tem como propósito difundir e aprofundar a percepção de que os direitos humanos estão implícitos e, muitas vezes, desrespeitados, na multiplicidade de situações que permeiam o dia-a-dia, objetivando-se dar visibilidade e amadurecer possíveis caminhos que se aproximem da efetivação de tais direitos, com olhos voltados à dignidade da pessoa humana.

Melissa Andréa Smaniotto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AFINAL, QUAL É O PAPEL DO SOCIOEDUCADOR COMO AGENTE DE DIREITOS HUMANOS?	
<i>Clawdemy Feitosa e Silva</i> <i>Sidelmar Alves da Silva Kunz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8241913031	
CAPÍTULO 2	14
ANDRAGOGIA: UM SABER NECESSÁRIO AOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA EJA, PROEJA E TURMAS DE ACELERAÇÃO	
<i>Tiago Tristão Artero</i> <i>Giane Aparecida Moura da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8241913032	
CAPÍTULO 3	26
DIREITOS HUMANOS E DIVERSIDADE NO CURRÍCULO DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
<i>Andréa Souza de Albuquerque</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8241913033	
CAPÍTULO 4	35
DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES DESDE O PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS	
<i>Messias da Silva Moreira</i> <i>Thaís Janaína Wenczenovicz</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8241913034	
CAPÍTULO 5	49
EDUCAÇÃO INTEGRAL E INTERCULTURALIDADE	
<i>Soraya Cunha Couto Vital</i> <i>Sônia da Cunha Urt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8241913035	
CAPÍTULO 6	63
GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA: ESTUDO DE CASO NA ESCOLA ESTADUAL IRENE ORTEGA, MIRASSOL D'OESTE – MT	
<i>Cláudia Lúcia Pinto</i> <i>Ieda Maria Brighenti</i> <i>Valcir Rogerio Pinto</i> <i>Elaine Maria Loureiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8241913036	
CAPÍTULO 7	75
GESTOR/COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO PROMOTOR MULTIPLICADOR, DOS DIREITOS HUMANOS E DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ, NO CONTEXTO ESCOLAR	
<i>Carlos Fernando do Nascimento</i> <i>Cleonildo Mota Gomes Júnior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8241913037	

CAPÍTULO 8	90
O CINEMA ALÉM DO INGRESSO PAGO: A PRODUÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA	
<i>Letícia Brambilla de Ávila</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8241913038	
CAPÍTULO 9	106
O CONTEÚDO DE LUTAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM DIREITO A SER CONQUISTADO	
<i>Luiz Frederico Pinto</i>	
<i>Tiago Tristão Artero</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8241913039	
CAPÍTULO 10	111
O PRONATEC E O DIREITO À FORMAÇÃO PARA O TRABALHO NA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE MS	
<i>Arão Davi Oliveira</i>	
<i>Valdivina Alves Ferreira</i>	
<i>Celeida Maria Costa de Souza e Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82419130310	
CAPÍTULO 11	128
UMA AÇÃO DE CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES PARA O ENSINO DA TEMÁTICA INDÍGENA EM MATO GROSSO DO SUL	
<i>Victor Ferri Mauro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82419130311	
CAPÍTULO 12	141
A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: SUA INTERFACE COM OS DIREITOS CULTURAIS E A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-CULTURAL CIDADINO	
<i>Tatiane Vieira de Aguiar Barreto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82419130312	
CAPÍTULO 13	157
A IMAGEM DO NEGRO NA PUBLICIDADE: COMPARATIVO BRASIL E SUÉCIA	
<i>André Isídio Martins</i>	
<i>Jaci de Fátima Souza Candiotto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82419130313	
CAPÍTULO 14	171
A LIBERDADE DE EXPRESSÃO E O DISCURSO DE ÓDIO: O ETNOCENTRISMO RELIGIOSO LEGITIMANDO ABUSOS	
<i>Francisco das Chagas Vieira dos Santos</i>	
<i>Clara Jane Costa Adad</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82419130314	

CAPÍTULO 15 184

A REPRESENTAÇÃO E O LUGAR DO NEGRO NOS LIVROS DIDÁTICOS

Lídia Maria Nazaré Alves
Aparecida Gomes Oliveira
Murilo Américo da Silva
Fabírcia Santos Miguel

DOI 10.22533/at.ed.82419130315

CAPÍTULO 16 194

ADOÇÃO DE CRIANÇAS NEGRAS: PRECONCEITO X A PRÁTICA INCLUSIVA

Fabianne da Silva de Sousa
Maira Nunes Farias Portugal

DOI 10.22533/at.ed.82419130316

CAPÍTULO 17 206

AS BORDADEIRAS DA COMUNIDADE ESPÍRITA DISCÍPULO DE JESUS COMO AGENTES DO DESENVOLVIMENTO LOCAL - BAIRRO NOVA LIMA – CAMPO GRANDE – MS

Mariel Guerreiro da Fonseca Martins
Dolores Ribeiro Coutinho
Maria Augusta de Castilho

DOI 10.22533/at.ed.82419130317

CAPÍTULO 18 216

BANCADA PARLAMENTAR EVANGÉLICA: UMA MORAL RELIGIOSA QUE LIMITA A APLICAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

Larissa Maria de Queiroz

DOI 10.22533/at.ed.82419130318

CAPÍTULO 19 228

CULTURA SURDA E LITERATURA NO ESPAÇO ESCOLAR: UM EXERCÍCIO DE DIREITO AO ESTUDANTE SURDO

Michele Vieira de Oliveira
João Paulo Romero Miranda
Rosana de Fátima Janes Constâncio
Adriano de Oliveira Gianotto
Andréa Duarte de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.82419130319

CAPÍTULO 20 237

DESCOLONIZAR A UNIVERSIDADE: POR METODOLOGIAS DESCOLONIAIS E FEMINISTAS NO ENSINO JURÍDICO BRASILEIRO

Roberta Laena Costa Jucá
Vanessa Oliveira Batista Berner

DOI 10.22533/at.ed.82419130320

CAPÍTULO 21	258
DIREITO DOS IDOSOS EM UMA UNIDADE DE CUIDADOS CONTINUADOS INTEGRADOS	
<i>Ane Milena Macêdo de Castro</i>	
<i>Josyenne Assis Rodrigues</i>	
<i>Gleice Kelli Santana de Andrade</i>	
<i>Anna Alice Vidal Bravahlieri</i>	
<i>Danielle Mayara Rodrigues Palhão de Rezende</i>	
<i>Lariane Marques Pereira</i>	
<i>Francielly Anjolin Lescano</i>	
<i>Tuany de Oliveira Pereira</i>	
<i>Alexandra Bazana da Silva Costa</i>	
<i>Edivania Anacleto Pinheiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82419130321	
CAPÍTULO 22	263
DIREITOS HUMANOS, EDUCAÇÃO E SEXUALIDADES: SOBRE CONSERVADORISMOS, FUNDAMENTALISMOS E PÂNICOS MORAIS	
<i>Cristiano Figueiredo dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82419130322	
CAPÍTULO 23	279
O SISTEMA DE COTAS PARA INGRESSO NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS À LUZ DAS AÇÕES AFIRMATIVAS E DOS PRINCÍPIOS DA IGUALDADE E DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA	
<i>Aparecida França</i>	
<i>Katlein França</i>	
<i>Reginaldo França</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82419130323	
CAPÍTULO 24	294
A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NO ENSINO SUPERIOR	
<i>Sandra Maria Rebello de Lima Francellino</i>	
<i>Luciane Pinho de Almeida</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82419130324	
CAPÍTULO 25	305
A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E O RECONHECIMENTO DA IGUALDADE NA DIFERENÇA: UMA EXPERIÊNCIA DE APROXIMAÇÃO ENTRE JOVENS DE DIFERENTES REALIDADES	
<i>Alaine Elias Amaral</i>	
<i>Lorene Almeida Tiburtino-Silva</i>	
<i>Josemar de Campos Maciel</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82419130325	
SOBRE A ORGANIZADORA	314

CULTURA SURDA E LITERATURA NO ESPAÇO ESCOLAR: UM EXERCÍCIO DE DIREITO AO ESTUDANTE SURDO

Michele Vieira de Oliveira

Especialização Lato Sensu em LIBRAS
Campo Grande MS

João Paulo Romero Miranda

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –
UFMS
Corumbá - MS

Rosana de Fátima Janes Constâncio

Universidade Federal da Grande Dourados –
UFGD
Dourados - MS

Adriano de Oliveira Gianotto

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul –
UFMS
Três Lagoas – MS

Andréa Duarte de Oliveira

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul – IFMS
Corumbá-MS

RESUMO: A literatura tem um valor inestimável que solidifica e constitui a cultura de um povo. Existem diferentes gêneros literários e cada qual tem sua singularidade que necessariamente precisa ser valorizada e disseminada. Assim, com a preocupação de disseminar e valorizar a cultura, a língua e valores foi desenvolvido um projeto aplicado em escolas públicas municipais na cidade de Corumbá/MS, para difundir e socializar livros de literatura surda nas escolas públicas. O projeto contou com a participação

de intérpretes de institutos de ensino superior público e professores de Libras surdos. O público alvo foram os estudantes matriculados em classes inclusivas com participação de crianças ouvintes e surdas cursando a 5^o (quinta) série do Ensino Fundamental. A metodologia apresentada foi contação de livros de literatura infantis, que referenciavam a cultura surda, com auxílio de equipamentos tecnológicos. O projeto teve duração de um mês, realizado na escola com periodicidade semanal e leitura de três livros contextualizados. Foi oportunizado o ensino de Libras referente ao contexto explorado com intuito de desenvolver a comunicação em cada encontro. Logo após as apresentações, os estudantes foram convidados a produzirem um mural com desenhos relacionados às fábulas. Ao final do projeto, as crianças também participaram de uma experiência plantando feijões, subsidiada por uma das literaturas escolhidas para esse projeto e as experiências bem-sucedidas, como incentivo foram premiados com materiais escolares. O êxito do projeto possibilitou que, os professores regentes das classes participantes continuassem semanalmente oferecendo aos estudantes, literaturas diversificadas que corroboram para sua formação sociolinguística e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura surda, cultura surda, Libras, Direito à Educação

ABSTRACT: Literature has an invaluable value that solidifies and constitutes the culture of a people. There are different literary genres and each one has its singularity that necessarily needs to be valued and disseminated. Thus, with the concern of disseminating and valuing culture, language and values, a project was developed in municipal public schools in the city of Corumbá / MS to disseminate and socialize deaf literature in public schools. Interpreters attended the project from public higher education institutes and teachers from deaf. The target audience was students enrolled in inclusive classes with the participation of hearing and deaf children attending the 5th (fifth) grade of Elementary School. The methodology presented was the counting of children's literature books, which referred to the deaf culture, with the aid of technological equipment. The project lasted one month, held in the school with weekly periodicity and reading of three contextualized books. The teaching of Libras regarding the context explored in order to develop the communication in each meeting was facilitated. Soon after the presentations, the students were invited to produce a mural with drawings related to the fables. At the end of the project, the children also participated in an experiment in planting beans, subsidized by one of the literatures chosen for this project and the successful experiences, as incentive were awarded with school materials. The success of the project made it possible for the regent teachers of the participating classes to continue weekly offering to the students, diverse literatures that corroborate for their sociolinguistic and cultural formation.

KEYWORDS: Deaf literature, deaf culture, Libras, Right to Education

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O hábito de ler reflete excelentes perspectivas na vida das pessoas por possibilitar uma gama de conhecimentos. Este prazer em ler e escrever deve ser incentivado para todos, surdos e ouvintes, pois assim poderão se apropriar da cultura e da língua em contextos diversificados corroborando para a alfabetização e letramento.

Nesta perspectiva compreendemos a importância de colocar em prática a disseminação da literatura em contextos educacionais inclusivos onde cursam os estudantes surdos usuários da Língua Brasileira de Sinais, doravante Libras, ofertando momentos lúdicos incentivando e valorizando a literatura em todos os contextos discursivos, ou seja, na oralidade ou em Libras.

Tal possibilidade corrobora para a disseminação da Libras favorecendo assim que o ensino de Libras seja ofertado em escolas públicas inclusivas valorizando a cultura surda e sua singularidade de uma língua da modalidade visual.

No Brasil, os surdos são considerados como minoria linguística, com experiência de vida comum que se manifesta com a cultura, crenças, atitudes, histórias, normas, valores, tradições literárias e arte compartilhada por pessoas que são usuárias de língua de sinais e, que em muitas situações realizam adaptações para contextualizar parte da cultura surda.

Em contextos inclusivos é importante estimular a prática de leitura relacionada ao prazer para o aprendizado de uma língua, ou para a prática da alfabetização, contemplando também a área de surdez e o ensino da Língua Brasileira de Sinais-Libras nas escolas serviços públicos inclusivos.

Conceber projetos para tal fim favorece a aprendizagem de todos, principalmente onde há demanda de crianças surdas, que são estudantes, que precisam ter contato com a Língua de Sinais e também com a literatura adaptada com o objetivo de promover a experiência de leitura das crianças surdas; auxiliar na divulgação de livros de literatura surda, e de contemplar uma aprendizagem significativa aos estudantes surdos matriculados no ensino público municipal da cidade de Corumbá/ MS.

Com a oficialização da Libras – Língua Brasileira de Sinais – no Brasil, a comunidade surda conquistou não apenas o direito de se expressar em Língua de Sinais, mas também o direito de frequentar escolas do ensino público e ser ensinada por profissionais educacionais que utilizem a Libras na mediação do ensino.

O Decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005) – promulgado três anos após a oficialização da Libras contemplou aspectos de ensino, o uso e a difusão dessa língua em nosso país. Para Karnopp (2010) esse contexto marca:

(...) a diferença linguística e cultural das pessoas surdas significou trazer a discussão para o campo político, por meio de uma afirmação da cultura surda, capaz de congrega pessoas em torno de uma proposta política. Manifestações de movimentos surdos possibilitaram a elaboração de outras representações de experiências linguísticas e culturais de pessoas surdas (p. 157).

Atualmente a inclusão escolar de surdos está sendo muito discutida em todo o Brasil, em virtude dos direitos conquistados de se comunicarem em sua língua natural concedendo à criança surda o direito de ter uma educação baseada em uma proposta bilíngue, na qual deve haver a valorização e o reconhecimento da língua e o ensino da língua portuguesa na modalidade escrita.

De acordo com a Lei 10.436/02, a Libras foi reconhecida e oficializada como língua no território brasileiro abrindo caminhos para que as pessoas surdas sejam respeitadas e se integrem ao meio em que vivem. Entretanto, os ouvintes raramente têm conhecimento e domínio de Libras, e faltam professores com esse conhecimento na grande maioria das escolas, para receberem alunos surdos em suas turmas.

Ler e contextualizar histórias como “Cinderela Surda” que faz uma releitura do clássico “Cinderela” e apresenta aspectos da cultura e identidade surda conduz a uma reflexão de que precisamos ofertar uma educação inclusiva não de forma igualitária, mas que assegure a equidade respeitando a singularidade de cada um.

Alguns clássicos, como o exemplo citado acima está numa versão bilíngüe, ou seja, as histórias estão escritas em português e também na escrita da língua de sinais (sign writing). As ilustrações acentuam as expressões faciais e os sinais, destacando elementos que traduzem aspectos da experiência visual. Nesse livro, as ilustrações

ocupam uma página e a outra registra a história em sign writing e na língua portuguesa.

Outro exemplo é o livro de “Rapunzel Surda” que tematiza a aquisição da linguagem e a variação lingüística nas línguas de sinais. A história narra que quando nasceu, a menina foi raptada pela bruxa e viveu muitos anos escondida e isolada em uma torre. Diz o texto:

Passaram-se os anos, Rapunzel cresceu e a bruxa percebeu que a menina não falava, mas tinha uma grande atenção visual. Rapunzel começou a apontar para o que queria e a fazer gestos para muitas coisas. A bruxa então descobriu que a menina era surda e começou a usar alguns gestos com ela. (Silveira, Rosa, Karnopp 2003, p. 12)

A partir das leituras estimuladas com a experiência profissional da autora, em contextos de sala de aula, ofertado por sinais com textos e imagens é possível ressignificar as práticas pedagógicas que corroboram para a inclusão em ambientes onde surdos e ouvintes possam se apropriar do mundo letrado.

Da interação entre professora e alunos despertou a possibilidade de uma nova leitura com o livro “O Feijãozinho Surdo”. Este livro contribui de novas experiências, inclusive prática contribuindo assim para compreenderem e associarem os conhecimentos de forma dinâmica no momento em que plantaram o pé de feijão em várias linguagens, que alimenta, sinaliza, germina e cresce em nosso cotidiano. Também contribuiu na formação de uma biblioteca participativa registrando o cotidiano de crianças surdas com seus desafios, suas conquistas e perplexidades.

Liège Kuchenbecker (2009) criador do livro sobre “O Feijãozinho Surdo” nessa história de surdos brasileiros, embalados em um produto tipicamente nacional. Um livro tão fecundo quanto as experiências escolares que envolvem professoras e estudantes surdos, oportunizando a transcrição da história para a escrita da língua de sinais podendo se caracterizar como um material bilíngue com história produzidas em Libras.

2 | O QUE É LITERATURA SURDA?

A literatura surda apresenta uma especificidade no jeito singular de disseminar e valorizar a cultura oportunizando que a imaginação seja profícua na produção de textos literários em sinais, que traduz a experiência visual, que entende a surdez como presença de algo e não como falta ou seja, que possibilita outras representações de surdos e que considera as pessoas surdas como um grupo linguístico e cultural que possui uma especificidade linguística (KARNOPP, 2006).

Assim, a cultura surda tem apontado para o hibridismo cultural, no sentido de que “todas as culturas estão envolvidas entre si” e “nenhuma delas é única e pura, todas são híbridas, heterogêneas” (BURKE 2003, p. 53).

Para melhor compreensão sobre o hibridismo cultural, em consonância com Quadros e Sutton-Spence (2006) refletimos o trabalho dos dois poetas surdos – um brasileiro e o outro britânico com a produção de poesias. Tais poesias em línguas de sinais diferentes os identificam enquanto pessoas surdas e, também, como membros de suas comunidades nacionais. Dizem as autoras:

A identidade e a cultura das pessoas surdas são complexas, já que seus membros freqüentemente vivem num ambiente bilíngüe e multicultural. Por um lado, as pessoas surdas fazem parte de um grupo visual, de uma comunidade surda que pode se estender além da esfera nacional, no nível mundial. É uma comunidade que atravessa fronteiras. Por outro lado, eles fazem parte de uma sociedade nacional, com uma língua de sinais própria e com culturas partilhadas com pessoas ouvintes de seu país. (Quadros e Sutton-Spence, 2006)

3 | LITERATURA SURDA INFANTIL E O DIREITO DE ESTUDANTES SURDOS E OUVINTE E APRENDEREM

A metodologia escolhida para contextualizar a temática da literatura surda é uma ‘narrativa’, com a seleção de três livros de literatura infantil culturalmente adaptados e incluídos em salas de aula inclusivas, ou seja, crianças, crianças surdas.

Após a leitura é imprescindível a contextualização com atividades pedagógicas planejadas que corroborem para a aprendizagem de Libras envolvendo todos os indivíduos participantes da escola.

A interface do ouvinte com ações inclusivas de interação com estudantes surdos otimiza o desenvolvimento onde todos podem vivenciar experiências com a cultura e a literatura surdas oportunizando a compreensão do que são as diferenças culturais entre ouvinte e surdos, onde o uso da língua de sinais para as narrativas adaptadas favorece momentos de equidade.

O espaço escolar deve incentivar o respeito em garantir os direitos da cultura e da literatura surda favorecendo as relações entre os ouvintes e surdos com ações que possibilitem o ensino da Libras, a difusão da literatura surda oportunizando a valorização não somente do estudante surdo, mas valorizando o potencial do professor surdo.

Para Hall (1997) todos os elementos que constituem a cultura nos ressignifica com uma “determinada forma de ver, de interpelar, de ser, de explicar e de compreender o mundo”. Muito mais do que propagar está a necessidade de se conscientizar sobre o valor da literatura na formação dos estudantes.

Assim as imagens que compõem a literatura surda, os significados sobre identidades e diferenças refletindo sobre a língua, a identidade e cultura surda, são encontradas em alguns livros e materiais com representações do que significa ser diferente.

Neste contexto a adaptação com a reprodução em língua de sinais com as

histórias, Cinderela Surda, Rapunzel Surda, o Feijãozinho surdo reflete à importância da língua de sinais, cultura e identidade surda. É importante a contação de histórias em Libras para estudantes surdos e ouvintes para que possam aprender a língua e compreender a cultura surda.

Segundo Constâncio (2018) “há uma ruptura de paradigmas uma vez que este processo corrobora para vivências educacionais que oportunizam emergir e submergir na subjetividade do ser”.

4 | CULTURA SURDA

Dificuldades foram e são vivenciadas em situações de inserção da Libras, da cultura surda e da comunicação em contextos onde interagem surdos e ouvintes. Contudo, apesar desse desafio as pesquisas consideram que é possível atingir o objetivo, fomentando a experiência da leitura infantil surda, disponibilizando momentos de leitura, difundindo e contextualizando os livros de literatura surda.

Considerando a nossa realidade atual podemos fazer um paralelo com o que acontecia antigamente, com as pessoas que tinham características diferentes sendo consideradas por muito tempo como “especial”.

Hoje a luta é para o reconhecimento da singularidade do jeito de ser de cada um. Há Leis que obrigam as escolas públicas a inserir os alunos com necessidades no ensino regular. Porém, famílias e professores ainda não são preparados para educar, receber e alfabetizar pessoas nessas condições, pois a escola precisa se adaptar e se adequar para atender a todos em suas especificidades.

Em escolas onde há surdos matriculados a presença de intérpretes é obrigatória, mas a presença de professores surdos e a oferta de cursos de Libras, ainda são algumas das modificações que as escolas precisam oferecer a esses estudantes para não ficarem omissas aos processos de ensino-aprendizagem.

A presença de intérpretes, professores surdos, cursos de Libras, são apenas uma amostra das modificações que as escolas precisam oferecer a esses estudantes. Assim, elas não podem se omitir ou ficarem alheias aos processos ensino-aprendizagem, pois são profissionais aptos e fluentes na mediação linguística dentro dos contextos educacionais inclusivos.

Toda pessoa tem direito fundamental à educação e deve ser respeitada a sua cultura e identidade, bem como no reconhecimento de sua situação singular, ou seja, onde há estudantes surdos há necessidade da mediação linguística com a presença do intérprete da Língua de Sinais, e também o professor apto para estabelecer o processo de ensino aprendizagem.

Assim, no processo de interpretação, o intérprete da Libras precisa ser fluente em a línguas de sinais corroborando com seu conhecimento nesta mediação. Ao professor cabe a arte e sabedoria para realizar as adaptações didáticas. O envolvimento dos

profissionais com a aquisição de LIBRAS, assegura que o princípio básico para uma evolução educacional seja eficiente.

Strobel considera que “a cultura surda é a experiência visual em que os sujeitos surdos percebem o mundo de maneira diferente, a qual provoca as reflexões de sua subjetividade...” (STROBEL, 2008, p.38)

Autores com Loubet e Araújo (2016), Karnopp (2010) e SCHELP (2009) exemplificam que muitas pessoas surdas iniciam seu contato com a Libras apenas quando ingressam ao espaço escolar. Sendo esse um espaço, categoricamente, ouvinte. Portanto, essa aquisição linguística importantíssima para a convivência social para qualquer cidadão é conquistada de maneira parcial e tardia pelo sujeito surdo em muitos casos.

Com relação a essa aprendizagem de língua, e também numa dinâmica de alfabetização/letramento, encontramos a importância da literatura na dinâmica de aprendizagem do estudante surdo. Strobel (2008) caracteriza a literatura surda como um artefato cultural que:

(...) traduz a memória das vivências surdas através das várias gerações de povos surdos. A literatura surda se multiplica em diferentes gêneros: poesia, história de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas e outras manifestações culturais (...) (STROBEL, 2008, p. 56).

Loubet e Lima (2016) afirmam que:

Com relação ao surgimento da literatura surda, é importante recordar que a prática de contar histórias foi, historicamente, subsidiada pelas línguas orais. Porém, com o desenvolvimento das línguas de sinais, as histórias foram alicerçadas, também, por essas línguas (p. 206).

5 | DECORRÊNCIA DO PERCURSO

Muito mais do que fomentar práticas pedagógicas com propostas desafiadoras a realização de ações que possibilitam propagar a literatura é necessária estimular a participação integral de todos os estudantes, ofertar o ensino da Libras para viabilizar a comunicação entre estudantes ouvintes e surdos. Tais ações podem contemplar a integração entre instituições de ensino superior e escolas públicas de Ensino Fundamental para que todo este trabalho seja divulgado, valorizado e incentivado.

A literatura foi valorizada e todo o projeto foi amparado de maneira impecável pelos profissionais da área de educação da prefeitura participante. A satisfação dos estudantes participantes fora algo latente, pois mesmo com a variação de idades dos estudantes, a grande maioria participou de maneira intensa durante a aprendizagem de Libras. Outro aspecto significativo foi a própria identificação dos estudantes surdos com a Libras. Na realização do projeto, essas crianças – e também os estudantes ouvintes – puderam conhecer e ter aula contato com professores surdos, fato que

nunca antes haviam presenciado.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto consideramos que a inclusão das crianças na escola regular ainda é um processo que precisa ser cada vez mais solidificado com ações que rompam com as barreiras, sejam elas linguísticas, culturais ou atitudinais.

A educação bilíngue precisa ser valorizada e incentivada possibilitando um espaço que respeita as diferenças linguística e cultural de todas as pessoas.

O reconhecimento da língua de sinais, o uso e difusão da mesma, a presença do intérprete de Libras garante a acessibilidade, mas acima de tudo é necessário valorizar, disseminar e propagar a literatura e a cultura surda em contextos educacionais inclusivos possibilitando a oferta contínua de um ensino que atenda as singularidades de cada um.

Para que o estudante surdo possa ter um bom desenvolvimento as práticas pedagógicas precisam ser revistas e ressignificadas para o desenvolvimento de valores compreendendo a sua especificidade linguística.

Assim, a oportunidade de realização de projetos que contemplem o uso e a difusão da literatura é primordial para quebra de paradigmas. Neste sentido a escola que possibilitou e oportunizou o desenvolvimento deste tipo de ações, sendo amparado pelos profissionais da área de educação da prefeitura participante podem vivenciar a satisfação dos estudantes participantes de maneira intensa durante a aprendizagem de Libras.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº. 5.626** de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 129 de dezembro de 2000. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 01/10/2017.

_____. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm>. Acesso em: 20 de outubro de 2018.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. Trad.: Leila Mendes. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

CONSTÂNCIO, Rosana de Fátima Janes. **Libras**: formação linguística discursiva. In: 2ª Semana Acadêmica Integrada da EaD: A virtualização da Educação: rumos e trilhas, 2018, Dourados – MS.

KARNOPP, Lodenir Becker. **Literatura surda**. In: *Literatura, Letramento e Práticas Educacionais – Grupo de Estudos Surdos e Educação*. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 98-109, jun. 2006.

KARNOPP, Lodenir Becker. *Produções culturais de surdos: análise da literatura surda*. In: *Cadernos*

de Educação. Pelotas. n. 36, p. 155-174, maio/ago, 2010.

KUCHENBECKER, Liège Gemelli. O Feijãozinho Surdo. Canoas, Rio Grande do Sul: Editora da Ulbra, 2009. 32 p. Traduções para a escrita da língua de sinais: Erika Vanessa de Lima Silva e Ana Paula Gomes Lara.

LOUBET, Maurício; LIMA, Cláudia Araújo de. Literatura surda e educação: em busca de diálogos em língua de sinais. In: SANTOS, Reinaldo dos; NASCIMENTO, Grazielly Vilhalva Silva (ORGS). Libras & Surdos – Retratos do Mato Grosso do Sul. Dourados: OKOS, 2016. p. 203-219.

QUADROS E SUTTON-SPENCE, 2006, seguido: KARNOPP, Lodenir B.; MACHADO, Rodrigo N. Literatura surda: ver histórias em língua de sinais. 2 Seminário Brasileiro de Estudos Culturais em Educação (CD) – 2SBECE. Canoas: ULBRA, 2006

SCHELP, Patrícia Paula. Letramento e alunos surdos: práticas pedagógicas em escola inclusiva. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/2923_1369.pdf>. Acesso em: 25/10/2018.

SILVEIRA, C. H., ROSA, F., KARNOPP, L. B. Rapunzel Surda. Canoas: ULBRA, 2003.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: UFSC, 2008.

KARNOPP, Lodenir. Literatura Surda. 2008. Disponível em: <http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf>. Acesso em: 25 out. 2018.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-182-4



9 788572 471824